

EDITORIAL

CACOS PARA UM VITRAL

Na tríade **indivíduo, cultura e sociedade** que compõe, na dinâmica mais completamente simultânea, a existência humana, hoje tomamos o social como sendo a objetivação do cultural e, assim, o modo de sustentação da individualidade humana como propriamente humana. Portanto, enxergamos em profundidade — ainda que com toda a cautela de evitar reducionismos distorsivos — o enorme significado de uma reflexão voltada para o acontecer sócio-histórico do homem, em suas enésimas facetas de expressão.

Gostemos ou não, ainda amargamos a sombra de Auschwitz sobre nós, ainda nos assusta o troar dos aviões sobre os arrozais da Coréia ou do Vietname, bem como vamos relacionando tristemente as primícias de muitas nações que acabaram esmagadas sob as patas dos arbótrios. A Argentina diz: "Nunca mais!", e o seu vizinho Brasil repete como em eco um corajoso mas igualmente triste "Nunca mais". Nestes tempos convulsos em que vivemos, empenhamos nossas gargantas em insistentes discursos, em múltiplas falas que focalizam o **diálogo**, a necessidade de **justiça social** e o impulso generoso de repartir o pão; mas sabemos muito bem que o homem sempre fala insistentemente das coisas que não tem, pois que a palavra prossegue sendo a presença de uma ausência. Para quem olha com seriedade o nosso século fica claro que vivemos tempos de muita perplexidade. De carência e, portanto, de desejo. Eis porque construímos nossas utopias como se elas fossem os últimos abrigos da vida; vestimo-las de uma cientificidade que não logra esconder o rictus ansioso do sonho, ou simplesmente vivemo-las desnudas, na pura magia que, segundo Schopenhauer, move o mundo com o nome de **Vontade**.

Há uma luta cotidiana sendo travada. E esta tem muitas frentes, onde são precisos artistas, cientistas, pensadores e teólogos. Uma luta da qual os filósofos não querem estar ausentes, ainda que para ela contribuindo com estranhos cacos coloridos que muitos só entenderão quando — sabe-se lá quando? — estiver montado o vitral. O vitral do futuro que, hoje, os nossos sonhos de justiça desenham.

Foi sentindo esta disposição entre os filósofos, que a revista **Reflexão** procurou abrir o necessário espaço para que pensadores diversos ali encontrassem a tribuna da qual proferissem suas reflexões, o lugar onde muitos trabalhadores do pensamento deporiam o seu "caco colorido".

Hubert Lepargneur, Enrique Dussel, Gisela Lermen, Claude Pantillon, Nady Moreira Domingues da Silva e tantos outros espargem generosamente pelas páginas deste número da **Reflexão** o melhor de seu trabalho de meditação direta ou indireta sobre o existir humano em sua condição social. Artigos, debates, estudos e resenhas não dão espaço de totalidade à filosofia social, mas emprestam-lhe espaço de privilégio.

Assim, vai caminhando a revista do Instituto de Filosofia da PUCCAMP, que nasceu de um sonho solitário e hoje vai atingindo o seu 33º número. Eis porque desejamos, prezado leitor, que sua inteligência receba as reflexões aqui veiculadas e ofereça aos seus autores o material de articulação e sustentação para o imaginado vital.

O Editor